

Uma Pinacoteca brasileira em Lisboa: a coleção de José Salgueiro Esteves Brandão no Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty

A Brazilian Pinacoteca in Lisbon: the collection of José Salgueiro Esteves Brandão at the Itamaraty Historical and Diplomatic Museum

Natália Cristina de Aquino Gomes¹

Resumo

Este texto busca investigar a prática do colecionismo do brasileiro José Salgueiro Esteves Brandão, que ainda criança foi com os pais para Portugal e ao longo de sua vida constituiu uma coleção de arte denominada por ele como “Pinacoteca brasileira em Lisboa”. Abordaremos, então, alguns aspectos de sua coleção e como esta foi difundida nos periódicos brasileiros e portugueses da época, assim como as tentativas de deixá-la como legado para o Brasil até a sua efetivação com a doação para o Itamaraty, intermediada pela embaixada do Brasil em Portugal, para constituição do acervo do Museu Histórico e Diplomático do Palácio do Itamaraty.

Palavras-chave: Coleção; José Salgueiro Esteves Brandão; Pinacoteca brasileira em Lisboa.

Abstract

This text seeks to investigate the collecting practice of the Brazilian José Salgueiro Esteves Brandão, who, as a child, went with his parents to Portugal and throughout his life constituted an art collection called by him as “Brazilian

¹ Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo (PPGHA-UNIFESP). Bolsista FAPESP n° de processo: 2021/05450-0. E-mail: natalia.gomes@unifesp.br. ORCID: 0000-0002-5598-2027

Pinacoteca in Lisbon”. We will then address some aspects of its collection and how it was disseminated in Brazilian and Portuguese periodicals at the time, as well as the attempts to leave it as a legacy for Brazil until its effectiveness with the donation to the Itamaraty, intermediated by the embassy of the Brazil in Portugal, to constitute the collection of the Historical and Diplomatic Museum of the Itamaraty Palace.

Keywords: *Collection; José Salgueiro Esteves Brandão; Brazilian Pinacoteca in Lisbon.*

Notas explicativas

Investigar a atuação e a produção de um artista por vezes nos leva a caminhos e análises diversas. Partimos, então, desta consideração para justificarmos a temática deste texto que se enquadra nos desdobramentos de uma pesquisa atual. O interesse pela coleção de José Salgueiro Esteves Brandão surgiu, em um primeiro momento, da descoberta que o pintor e diplomata brasileiro Mário Navarro da Costa (1883-1931) possui três obras no acervo do Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty na cidade do Rio de Janeiro e duas delas, “Marinha”² e “Cargo Boat”³, tem como procedência a coleção de José Salgueiro Esteves Brandão e, possivelmente, foram adquiridas quando Navarro da Costa serviu como auxiliar do Consulado Geral de Lisboa (1916-1918) ou quando atuou como Cônsul nesta repartição (1927-1928)⁴.

Essa procedência chamou-nos atenção e motivou-nos a investigá-la, tendo em vista a pesquisa de doutorado em andamento intitulada “Mário Navarro da Costa e Rodolfo Pinto do Couto: produção artística e protagonismo nas relações entre Portugal e Brasil (1911-1945)”, em curso no PPGHA-UNIFESP, sob orientação da Profa. Dra. Elaine Dias e fomento da Fundação de

2 Mário Navarro da Costa (1883-1931). *Marinha “Canoa de pesca – Brazil”*, s.d. Óleo sobre madeira, o, 195m x o,305m. Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty/ ERERIO/ MRE.

3 Mário Navarro da Costa (1883-1931). *Cargo Boat*, 1917. Óleo sobre tela, o,330m x o,410m. Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty/ ERERIO/ MRE.

4 Atualmente, no doutoramento, pesquisamos o período em que Navarro da Costa atuou no Consulado de Lisboa, isto é, analisamos suas atividades, produções e articulações em Portugal a favor da divulgação da arte e dos artistas brasileiros.

Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)⁵.

Ao consultarmos o inventário geral do acervo do Museu Histórico e Diplomático do Palácio Itamaraty, a fim de obter informações sobre as obras de autoria de Navarro da Costa, tivemos acesso a suas fichas catalográficas e a uma anotação realizada pelo colecionador sobre a tela “Cargo Boat”, que denota um caráter crítico e, ao mesmo tempo, de valorização da peça que compunha sua coleção. Conforme suas palavras “Navarro da Costa talentoso pintor, seus quadros são cheios de luz, colorido, alma e sentimento. São muito procurados e muito valorizados.”⁶

Desta forma, a figura de José Salgueiro Esteves Brandão permitirá, nesta oportunidade, investigar questões relativas a sua prática do colecionismo, abordar alguns aspectos de sua coleção e como esta foi difundida nos periódicos brasileiros e portugueses da época, assim como as tentativas de deixá-la como legado para o Brasil até a sua efetivação com a doação para o Itamaraty, intermediada pela embaixada do Brasil em Portugal, para constituição do acervo do Museu Histórico e Diplomático do Palácio do Itamaraty.

José Salgueiro Esteves Brandão: o colecionador

Nascido no Rio de Janeiro, em 7 de abril de 1883, filho de pai português e de mãe brasileira, José Salgueiro Esteves Brandão foi ainda criança, aos sete anos, para Portugal na companhia dos pais e não retornou ao Brasil ao longo de toda a sua vida, falecendo aos 72 anos. Do outro lado do Atlântico, nutriu um grande apreço pelas belas artes tornando-se um colecionador de arte luso-brasileira e constituindo um acervo de relevância (Fernandes, Paiva, 2009, p. 418-420). Apontamentos sobre sua biografia geralmente introduziam a apresentação da sua coleção, como podemos observar no periódico *A Noite*, de 21 de maio de 1935, em matéria intitulada “Museu brasileiro em Lisboa”:

5 Processo nº 2021/05450-O, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Ver: <https://bv.fapesp.br/pt/bolsas/201539/mario-navarro-da-costa-e-rodolfo-pinto-do-couto-producao-artistica-e-protagonismo-nas-relacoes-entre/>.

6 Trecho constante na ficha catalográfica da obra “Cargo Boat”. Consulta realizada presencialmente no Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty em 10 de maio de 2022. Agradecemos a Arthur Guerico, estagiário do setor de Museologia, por todo auxílio prestado e pelo envio de informações.

O Sr. José Salgueiro Esteves Brandão é uma das figuras mais interessantes e mais estimadas da importante colônia brasileira de Lisboa. Filho dum carioca e duma paulista, há 30 annos que veio para Portugal e não voltou ao Brasil, por estar prohibido de viajar por mar, pelos médicos:

- Tenciono, porém disse-nos, no verdadeiro e valiosissimo museu que é a sua casa da avenida da Republica, 46 – ir á Allemanha voar no ‘Zeppelin’, para ver se posso, por esse processo de transporte, voltar a ver a minha querida terra. [...] (A Noite. Supplemento. Secção de Rotogravura, 21 de maio de 1935, Edição 00290, p. 5).

Em pesquisa na hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, averiguamos a presença do nome do colecionador desde o início da década de 1930. Conforme, podemos verificar em nota publicada no *Diario de Noticias*, de 28 de março de 1931:

COPIAS DE UM OFFICIO DO BANCO DO BRASIL AO MINISTERIO DO EXTERIOR

O ministro enviou copias de um officio do director do Banco do Brasil ao seu collega do Exterior, afim de que sejam solicitadas, da embaixada do Brasil em Lisboa, informações a respeito do interesse que realmente tenham as collecções de objectos de arte pertencentes ao sr. José Salgueiro Esteves Brandão (Diário de Noticias, 28 de março de 1931, edição 00288, p. 6).

A menção ao colecionador reaparecerá em uma série de notícias divulgadas na imprensa brasileira em 1938 e justificam-se, pois, em testamento, datado em 1917, José Salgueiro Esteves Brandão deixaria sua coleção de arte ao Museu Pinacoteca da Escola Nacional de Bellas Artes. O trecho em questão foi reproduzido no periódico *O Cruzeiro*, de 15 de outubro de 1938:

Eu, abaixo-assignado, José Salgueiro Esteves Brandão, solteiro, maior, residente em Lisboa á data da celebração deste testamento, na Avenida da Republica, 46, rez-do-chão, cidadão brasileiro, natural da cidade do Rio de Janeiro, filho de Antonio José de Faria Brandão e de Maria Esteves Brandão, já fallecidos, venho, no uso de minhas faculdades mentaes e livre de qualquer coacção, dispôr de meus bens consignando a expressão da minha ultima vontade pela forma constante do presente testamento.

Do remanescente da minha herança instituo meu universal herdeiro o Museu Pinacotheca da Escola Nacional de Bellas Artes, da cidade do Rio de Janeiro, como manifestação do meu culto pelas Bellas Artes e pelo acrysolado amor que tenho pela minha querida pátria. (*O Cruzeiro*, 15 de outubro de 1938, edição 0050, p. 56).

Contudo, conforme discorreremos ao longo deste texto, tal intenção de deixar a coleção para o Brasil se efetivará por outras vias e após um longo

trâmite. Veremos também que José Salgueiro Esteves Brandão, grande entusiasta desta negociação, não se cansa até a conclusão de sua vontade. Dada essa breve apresentação do colecionador cabe agora conhecer alguns aspectos da Pinacoteca brasileira em Lisboa.

Uma Pinacoteca brasileira em Lisboa

Assim foi chamada a coleção de José Salgueiro Esteves Brandão em jornais brasileiros e portugueses. Esta foi a denominação noticiada no periódico carioca *Beira-Mar*, de maio de 1945:

UMA PINACOTECA BRASILEIRA EM LISBOA

Há em Lisbôa, á Av. da Republica 46, uma pinacoteca brasileira. Constitui essa pinacoteca um dos maiores motivos de orgulho e alegria dos brasileiros que visitam Portugal. Deve-se a sua fundação a José Esteves Salgueiro, um brasileiro entusiasta e colecionador apaixonado. Dentre as tólas famosas que possui essa pinacoteca, figuram, entre outras, algumas de Pedro Americo, Batista da Costa, Alvim Menje, Mario Navarro da Costa e Henrique Bernardelli. Uma das raridades da pinacoteca é o belo quadro de Pedro Americo O CAVELO MORTO. Fundado há cerca de 40 anos, esse museu é um patrimonio. A Pinacoteca Brasileira de Lisbôa é mantida, atualmente, com grandes sacrificios. José Brandão só dispõe de vinte e cinco mil cruzeiros de verba anual, o que não permite enriquecer-lhe as coleções. (*Beira-Mar*: Copacabana, Ipanema, Leme. Rio de Janeiro. Edição 00776, Maio de 1945, p. 2, col. 4).

Como vemos, dificuldades financeiras e a ausência de herdeiros, possivelmente, motivaram o planejamento da doação da coleção para o Brasil. O intuito de divulgar a Pinacoteca brasileira em Lisboa esteve impresso em uma série de periódicos nacionais, entre os que ainda não foram citados, destacamos *O Jornal*⁷, a *Vida Doméstica*⁸ e a *Revista da Semana*⁹, que estamparam em suas páginas imagens da Pinacoteca Brasileira em Lisboa e de seu colecionador. A visitação de autoridades a coleção também foi outra estratégia adotada e, no *Diario de Pernambuco* de 3 de novembro de 1938, foi abordada a visita do ex-presidente Washington Luis:

O sr. Washington Luis, que tem visitado alguns pontos históricos dos arredores de Lisbôa e feito algumas visitas, esteve na ultima segunda-feira, na Pinacoteca Brasileira, a convite do seu organizador, o sr. José Salgueiro Es-

7 O Jornal, 2 de outubro de 1938, edição 05922, p. 8.

8 Vida Doméstica, fevereiro de 1945, Edição 00323, p. 32.

9 Revista da Semana, 4 de agosto de 1951, ano LI, n.º 31, pp. 6, 7 e 8.

teves Brandão. Ali se demorou e eminente brasileiro, mais de quatro horas, admirando detidamente quantas preciosidades o sr. Brandão conseguiu reunir nestes 38 annos de dedicação e de patriotismo, a uma obra que, por seu fallecimento, passará ao Museu de Bellas-Artes do Rio de Janeiro.

O antigo presidente da Republica Brasileira louvou calorosamente o patriotismo do sr. José Brandão, em cujo livro de visitantes deixou as seguintes palavras:

‘Deixo aqui a impressão profunda que me causou hoje a visita á Pinacotheca Brasileira, do sr. José Brandão. E’ essa Pinacotheca rica, valiosa, mas mais ainda é a riqueza do patriotismo de seu organizador. Lisboa, 31 de outubro de 1938. – (a.) Washington Luis.’ [...] (Diario de Pernambuco, 3 de novembro de 1938, edição 00265, p. 5).

A denominação de Pinacoteca Brasileira também foi assunto discutido na época, tendo em vista que a coleção não se tratava propriamente de um conjunto de artistas brasileiros ou de temáticas nacionais. Conforme ressaltou Gustavo Barroso, na *Revista da Semana*, de 4 de agosto de 1951:

- Gustavo Barroso pensa, que uma Pinacoteca, aliás no caso mais propriamente uma coleção de objectos artísticos, para ter denominação de ‘brasileira’ deveria possuir trabalhos de gente brasileira ou pelo menos de assuntos brasileiros. No caso, porém, da Pinacoteca Brasileira em apreço, bem poucos são esses trabalhos que de fato tenham importância na vida artística do Brasil ou na sua história. (Revista da Semana, 4 de agosto de 1951, ano LI, n.º 31, p. 7).

Cabe sinalizar algo que não é evidenciado no comentário de Barroso, mas que aparece implícito, isto é, um certo menosprezo pela arte do século XIX, afinal grande parte da coleção de José Salgueiro Esteves Brandão era constituída por obras do período. Um outro entrave apontado por Barroso seria o aceite do deslocamento da coleção pelo estado português, pois:

[...] qual a garantida dada sobre a permissão, que será necessário obter do governo português, para terem os objetos em questão livre de saída de Portugal?

Essa pergunta do sr. Gustavo Barroso é motivada pela existência de uma lei que proíbe a saída de valores artísticos do território português. [...]. (Revista da Semana, 4 de agosto de 1951, ano LI, n.º 31, p. 7).

Em pesquisa aos documentos do arquivo digital do Ministério das Finanças de Portugal, identificamos o processo Z – 102¹⁰, relativo à Colecção de objectos de arte pertencentes a José Brandão e datados no ano de 1946. Nestes, são discutidos a possível aquisição ou doação de bens artísticos da propriedade de José Brandão que possuíssem interesse para o património artístico português. Tal possibilidade existiu, tendo em vista que até aquele momento o governo brasileiro não teria concordado com a proposta de José Salgueiro Esteves Brandão e, então, ele considerou a hipótese de fazer uma doação ao governo português. Para isto foram consultados representantes das instituições culturais do estado, como Diogo de Macedo, o Diretor do Museu Nacional de Arte Contemporânea e, João Couto, o Diretor do Museu Nacional de Arte Antiga. Em comum, estes e outros pareceres apontam para a qualidade de algumas peças, mas sinalizam que a coleção poderia ter mais interesse para o Brasil.

Em meio aos documentos deste processo, temos um levantamento realizado por João Pedro de Pimentel Mosca da Rocha Calixto, licenciado pela Universidade de Coimbra, que sintetizou a variedade da coleção, sendo esta formada por armas, porcelanas, bronzes de várias épocas, pinturas antigas e modernas, escultura, moedas de ouro, joias, gravuras e litografias de interesse Luso-Brasileiro.

Como já sinalizamos, em testamento lavrado em anos anteriores, José Salgueiro Esteves Brandão deixaria, após sua morte, a coleção ao Museu Pinacoteca da Escola Nacional de Bellas Artes. Com a criação do Museu Nacional de Belas Artes por iniciativa de Gustavo Capanema, ministro da Educação do governo Vargas, em 13 de janeiro de 1937 e inaugurado em 19 de agosto de 1938, Brandão se entusiasmou “[...] porque estava certo de que naquelas galerias do novo museu as peças que reuniu com o mais elevado sentimen-

10 Código de referência: PT/ACMF/DGFP/RP/LIS/LIS/BARTS/039. Título: Possível aquisição ou doação de bens artísticos da propriedade de José Brandão. Data produção inicial: 1946-02-18. Data produção final: 1947-05-26. Dimensão: Cx. 6. Assunto: “Processo relativo a possível aquisição ou doação de bens artísticos da propriedade do cidadão brasileiro José Salgueiro Esteves Brandão. Os bens em causa foram examinados pelo director do Museu Nacional de Arte Antiga e bem assim, pelo director do Museu Nacional de Arte Contemporânea. Este responsável relata que toda a colecção será pertença do Estado Brasileiro, sendo certo que, algumas peças poderiam ter interesse ao património artístico português designadamente: retrato da actriz Emília Adelaide, por Miguel Lupi; retrato de Silva Porto, por António Ramalho; retrato do pintor brasileiro Rodolfo Amoedo, por Columbano.”. Disponível em: <https://purl.sgmf.pt/164517>

to artístico seriam convenientemente conservadas e admiradas.” (Jornal do Brasil, 13 de setembro de 1938, edição 00214, p. 6). No entanto, o desejo do colecionador só se realizou anos depois, na década de 1950, e para outro local por intermediação da Embaixada do Brasil, em Portugal.

A doação da coleção luso-brasileira ao Brasil

O *Diário Carioca*, de 31 de julho de 1951, noticiou a “Doação de Uma Coleção Luso-Brasileira ao Brasil”:

O Itamarati recebeu a doação de uma coleção luso-brasileira, feita pelo seu proprietário, sr. José Salgueiro Esteves Brandão, no valor de vários milhões de cruzeiros.

Enquanto viver o doador, a coleção será transformada em um museu, sendo o sr. Esteves Brandão nomeado seu conservador. Ao morrer, passará automaticamente para o governo brasileiro. (*Diário Carioca*, 31 de julho de 1951, Edição 07083, p. 8).

No dia seguinte, *A Noite* também repercutiu a notícia, a qual reproduzimos trechos, tendo em vista que reúne muitas das considerações realizadas até o momento e também oferece um breve panorama da coleção e de seu interesse ao patrimônio artístico nacional:

DOADA AO BRASIL VALIOSA COLEÇÃO LUSO-BRASILEIRA

Será automaticamente transferida para o patrimônio nacional quando ocorrer o falecimento do doador

Por intermédio da Embaixada do Brasil em Portugal, o Itamarati acaba de receber importante doação de valiosa coleção luso-brasileira, propriedade do Sr. José Salgueiro Esteves Brandão, [...]

A fim de que se tenha uma idéia do valor da coleção do Sr. Esteves Brandão, já examinada e avaliada por vários peritos e críticos de arte, basta acentuar que nela se encontram telas de Malhoa, Pedro Américo, Navarro da costa, Henrique Bernardelli, J. Batista, Rodolfo Amoedo, Carlos Reis; desenhos e gravuras de Rugendas, Bordalo Pinheiro, Debret, Lebreton; móveis dos séculos XVII e XVIII; cerâmicas, esmaltes, miniaturas, metais trabalhados, armaria, inclusive uma espada atribuída a D. Pedro I, além de objetos de ourivesaria e joalheria, bem como um faqueiro, que pertenceu à Marquesa de Santos, 54 alfinetes de gravata com pedras preciosas, esculturas, livros, moedas raras, curiosidades diversas. Alguns artistas franceses e italianos estão também representados nessa coleção, que virá enriquecer, de maneira considerável, o patrimônio artístico nacional. (*A Noite*, 1 de agosto de 1951, edição 13856, p. 5).

A vinda da coleção para o Brasil se efetivará em poucos anos devido ao falecimento de José Salgueiro Esteves Brandão. Uma partida noticiada no primeiro número de *Duas Pátrias: revista documentário luso-brasileira*, de julho de 1954:

Faleceu em Lisboa, com 72 anos, o súbdito brasileiro e ilustre colecionador de arte, Sr. José Salgueiro Esteves Brandão, cuja morte foi muito sentida, pois era figura muito conhecida nos meios artísticos e jornalísticos de Portugal.

Legou ao seus País, a sua casa de Lisboa que era um verdadeiro museu, com centenas de quadros, aquarelas, esculturas, gravuras, etc. (*Duas Patrias*, n.º 1, julho de 1954, p. 88).

Desta forma, após sua morte, a coleção passa para a administração brasileira. Fato que também foi repercutido na imprensa com a chegada do acervo para o Museu Diplomático. Conforme noticiou *A Noite*, em 5 de junho de 1956:

O embaixador José Carlos de Macedo Soares, ministro das Relações Exteriores, recebeu, no Itamarati, a ‘Coleção José Salgueiro Esteves Brandão’, que vai fazer parte do Museu Diplomático do Itamarati. A referida coleção, orçada em cerca de quatro milhões de cruzeiros, é composta de trinta e nove caixotes, contendo armas do tempo do Império, imagens, quadros, objetos históricos e de arte. [...] (*A Noite*, 05 de junho de 1956, Edição 15331, p. 4).

A partir da incorporação da coleção ao acervo do Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty não identificamos outras notícias nos periódicos que recuperassem sua origem, a denominação de “Pinacoteca brasileira em Lisboa” ou de seu colecionador José Salgueiro Esteves Brandão. Acreditamos que essa ausência se justifica, pois como buscamos evidenciar na construção deste texto a divulgação da coleção ocorreu, sobretudo, como propaganda para seu deslocamento ao Brasil.

Considerações finais

À luz de nossas considerações finais, não podemos deixar de sublinhar uma importante observação acerca da coleção, pois quando estava em solo português era amplamente divulgada como “Pinacoteca brasileira em Lisboa”, mas quando chega ao Brasil passa a ter a denominação de coleção “Luso-brasileira”. Vemos, assim, uma agência política sobre o acervo em questão que reflete também questões relativas ao intercâmbio artístico e cul-

tural entre os dois países.

Até o momento não conseguimos ter acesso ao conjunto completo das peças que tem como procedência a coleção de José Salgueiro Esteves Brandão e que compõem o acervo do Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty. Contudo, a existência da coleção e o conhecimento de todo o processo até o depósito final em solo brasileiro demonstram-se um caso de interesse e análise.

Esperamos aprofundar essa investigação ao longo de nossa pesquisa de doutorado, pois peças deste acervo destacam-se nas questões relativas à circulação e transferência artística entre Brasil e Portugal. Por fim, procuramos apresentar, mesmo que brevemente o colecionador, dados relativos à chamada Pinacoteca brasileira em Lisboa e o longo processo de sua vinda para o Brasil, a fim de contribuir para sua divulgação e pesquisa.

Referências

A Noite. Suplemento. Secção de Rotogravura, 21 de maio de 1935, edição 00290, p. 5.

A Noite, 1 de agosto de 1951, edição 13856, p. 5.

A Noite, 05 de junho de 1956, edição 15331, p. 4.

Beira-Mar: Copacabana, Ipanema, Leme. Rio de Janeiro. Edição 00776, Maio de 1945, p. 2, col. 4.

Diario Carioca, 31 de julho de 1951, edição 07083, p. 8.

Diário de Noticias, 28 de março de 1931, edição 00288, p. 6.

Diario de Pernambuco, 3 de novembro de 1938, edição 00265, p. 5.

Duas Patrias: revista documentário luso-brasileira, n.º 1, julho de 1954, p. 84 e 88.

Fernandes, A., Paiva, O. (2009). *Emigração dos minhotos para o Brasil (1850-1910). Os bem sucedidos e os outros*. In: Sousa, F., Martins, I, Matos, I. Nas duas margens. Os portugueses no Brasil. Porto: Edições Afrontamento, pp. 411-423. Jornal do Brasil, 13 de setembro de 1938, edição 00214, p. 6.

O Cruzeiro: Revista, 15 de outubro de 1938, edição 0050, pp. 30, 31 e 56.

O Jornal, 2 de outubro de 1938, edição 05922, p. 8.

PT/ACMF/DGFP/RP/LIS/LIS/BARTS/039. *Possível aquisição ou doação de bens artísticos da propriedade de José Brandão*. Data produção inicial: 1946-02-18. Data produção final: 1947-05-26. Dimensão: Cx. 6. Disponível em: <https://purl.sgmf.pt/164517>

Revista da Semana, 4 de agosto de 1951, ano LI, n.º 31, pp. 6, 7 e 8.

Vida Doméstica, fevereiro de 1945, edição 00323, p. 32.